

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 AVENÇA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

O AMIGO DE PENICHE

... e continuamos a lembrar os nossos amigos dispersos por essas terras de Portugal.

Há muitos anos, talvez uns vinte e cinco, encalhou nos Farilhões, ao largo de Peniche, numa manhã de nevoeiro mas sem sebastianistas à espreita, o paquete inglês «Highland Hoop». A notícia chegou ao jornal e na incerteza de valer a pena, só ao fim da tarde seguimos de automóvel para a mais activa terra de pescadores que até hoje conhecemos.



Em substituição do antigo Portinho de Revés, Peniche foi dotada com uma doca onde se abrigam os seus barcos

... e assistimos ao desembarque, já de volta, de um camarada que se antecipara. A situação era a mais desfavorável que se nos podia ter deparado. Batido em tempo, o que em jornalismo corresponde quase a um desastre, e batido ainda pelo tempo que se apresentava do pior cariz: vento desabrido e mar agitado, agravados estes inconvenientes com a noite que soprava a chama do dia e deixara a medíocre penumbra estelar. Nenhum mestre de traineira — embarcação a que recorreremos — se mostrou disposto a conduzir-nos ao navio. — Com uma noite destas? Não pense nisso! — E a verdade é que nós não pensávamos noutra coisa.

O nosso correspondente, o falecido Bolas, homem que por engano era proprietário de uma barbearia quando pelo seu saber e pela sua honestidade devia desempenhar função de mais relevo, estava desolado. Possuindo apreciável sentido jornalístico, ele partilhava do nosso revés. Ao longe, a algumas milhas, o volume negro do navio e as luzes bruxuleantes do «Patrão Lopes», que o atalaiava — e nós inermes e

Conclui na 6.ª página

Actividades dos Escuteiros DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CONTINUA o Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, a desenvolver regular actividade de campo, aproveitando o bom tempo que para o efeito se vem verificando, e os belos arredores da Vila Pombalina.

O Grupo acampou nas proximidades de Monte Gordo nos dias 2, 3, 9 e 10 deste mês, com programa de trabalho a contar para o concurso trimestral «Troféu do Jamboree», tendo sido no dia 3 o acampamento visitado pelo sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, antigo delegado dos Serviços Centrais da A. E. P. na Região do Algarve, que apreciou a arrumação e decoração dos subcampos das Patrulhas e teve, no fim da visita, palavras de louvor para os escuteiros.

DISCOS VOADORES

Em 27 de Setembro de 1956, por volta das 20 e 30, em Premanon (Haut-Jura) pousou no solo um Disco Voador que assustou três crianças. O pai destas mostra o sítio onde pousou o Disco



... Junto viu quatro homens que teriam 1,20 m. de altura. A cabeça era um pouco grande em relação ao corpo e as pernas delgadas. Estavam estranhamente vestidos com uma espécie de tecido de borracha. Willi Hoge ocultou-se e observou-os durante uns 12 minutos enquanto eles esquadriavam minuciosamente o terreno. Depois meteram-se no aparelho que se elevou quase verticalmente.

Conclui na 6.ª página

NOTAS BREVES DE VIAGEM

1) DO ALGARVE AO MINHO NUMA SÓ ETAPA...

DO Algarve ao Minho, numa só etapa, não é viagem de todos os dias nem de todos os anos. Faz-se uma vez e resulta na gravação de uma impressão geral, una. Agora que estou cá em cima, no extremo deste Portugal tão nosso, apetece rever a sua espinha dorsal, do rabo à orelha.

Depois de uma noite em branco, com Baco e a sua alegria transbordante, meti-me num bicho de metal e, pelas cinco da manhã, aí vim galgando léguas e curvas. O ar campestre das cinco é a melhor panaceia de que dispomos: parece-me altura de pensar nas suas virtudes terapêuticas. O Algarve atravessa-se num ai e, quando a serra nos surge, altiva, demonstrando seus rugosos seios, ainda o cansaço não se apoderou de nós. Depois do Barranco do Velho, inesperadamente, das profundezas serranas projectou-se uma laranja sangrenta, o sol, iniciando uma série de cabriolas pelos picos dos montes. E é então que a laranja se transforma em sexo e o sexo em brasa e a brasa em pesadelo!... O calor cresce, atira-nos lanças de incomodidade, faz-nos acreditar no inferno terreno. E entra no baile a lei das compensações: aqui uma fonte de água férrea, fresquíssima;

por CASIMIRO DE BRITO

nouco depois um portentoso cacho de uvas; mais além a viscosidade insuficiente de um refresco qualquer...

A estrada, porém, não tem fim. Grita-nos que estamos no Alentejo, terra tão lisa como a nossa vontade, aprisionada, inconsistente. Papamos léguas como quem conta estrelas, mas há mais léguas depois das léguas como há mais estrelas depois das estrelas... E o Alentejo sem sombra, o Alentejo das distâncias incontroladas!

A medida que subia os degraus da escada portuguesa, comecei a notar, que pelas nossas estradas manobrava a quarta invasão francesa, bem reforçada por elementos de outros países. Os carros estrangeiros surgem a todas as curvas, berrantes, formando filas indianas,

Conclui na 6.ª página

É PENA NÃO VENDER O «JORNAL DO ALGARVE»!



Aqui têm uma simpática garota de Morecombe, no Lancashire, que desempenha um ofício não menos simpático que ela — vendedora de jornais. Vende o jornal da sua pequena cidade e os grandes rotativos londrinos e para evitar «cães» anda acompanhada de um destemido mastim. Em vez de «scotter», hoje muito em moda, descarta-se do encargo utilizando um quadrúpede, mais paciente e menos perigoso que aqueles outros disfarçados de bipedes com quem somos obrigados a conviver. Temos pena de não dispormos de um trio semelhante para vender o nosso jornal. Havíamos de tirar daí bom proveito — a menina para apregoar, o cão para punir os que nos feriram o «cão» e o cavalinho para dar adequação avio aos que são alérgicos aos correctivos escritos e requerem outra medicina mais ajustada à sua conformação moral.

Ponte do Almargem

COMEÇARAM, finalmente, os trabalhos das fundações da nova ponte do Almargem, na estrada do litoral do Algarve, que substituirá a que foi demolida por ameaçar ruína.

EVOCAÇÃO DE UMA FIGURA POPULAR

O CHEGADINHO

por ÁLVARO GUERREIRO

ZÉ Chegadinho! Meu bom amigo! Que saudades tenho de ti! E' verdade: muitas. E não penses que só as sinto pela pena de já não vivermos aqueles nossos tempos tão distantes, tão tranquilos, se aos de hoje os pretendermos comparar. Não! São mesmo de ti, das nossas conversas que eu provocava para conhecer-te melhor, para aquilatar da tua enorme bondade, do teu feito calmo e resignado. Pobre que pedias uma ou duas vezes por semana os cinco réis da tabela, porque não podias trabalhar! As contrações musculares que manifestaste logo ao nascer, parecendo um prolongamento, uma sequência das de tua mãe ao dar-te à vida — não te permitiriam jamais empregar a tua actividade. Rasgavas as camisas ao abotoá-las, desfazias os cigarrinhos depois de laboriosamente enrolados. E tu merecias mais que muita gente, fumar a tua cigarrada descansado! Não ia o teu protesto além de um resmungar reticenciado... «Che...gou!» Chegava de facto a doentia solução de continuidade do teu equilíbrio funcional, que te martirizava intermitentemente no meio da tua conversa ou da urdidura do teu querido cigarrinho!

Eras assim; nunca te vi zangado, sempre paciente. Contavas-me — lembras-te? — a tua vida, falando-me de tua mãe. E eu

Conclui na 6.ª página



Zé Chegadinho

RIO SEM BARCOS

por A. VICENTE CAMPINAS

O Guadiana está de luto. A tristeza bóia à flor das águas. Tão espelhantes, de lisas, parecem incensuráveis espelho liquefeito.

Nem surge o estremecimento de aragem foragida do campo das tempestades para sugerir a graciosidade da ondulação!

Por cima da tremenda calma paradisíaca, um céu doadamente azul teima em retratar-se, inteiro, nas águas do rio-mar, tão perto do Atlântico! Narcisismo náutico-aéreo, pois que o rio deixa que o céu se estampe nele, para beber-lhe a cor!

Barcos de pesca são saudados no rio, pontos de risco no alto mar. Tantas quilhas e cascos conhecidos destas águas fronteiriças, metendo susto aos peixes das bandas mediterrânicas, neste preciso momento que mais notados se tornam quanto

mais amplo o Guadiana parece! Mais notados se tornam pela ausência, do que pela presença! Como os homens. Como os homens, zeros nas bandas familiares, gigantes nos recônditos da saudade!

O Guadiana está de luto. A má sina da falta de pesca matou-lhe a presença dos seus barcos. Dos seus

Conclui na 4.ª página

«Povo Algarvio»

ASSUMIU a direcção do nosso prezado colega «Povo Algarvio» o nosso amigo sr. Manuel Virgínio Pires, experimentado jornalista, a quem apresentamos cumprimentos.

ASPECTOS DO TURISMO

por JOAQUIM ANTÓNIO NUNES

TODOS nós sabemos que viajar há muito deixou de ser um luxo das classes abastadas e tornou-se uma necessidade das classes laboriosas, pelo menos dentro do continente, como meio de suavizar as agruras do dia a dia, recrear o espírito e retemperar os nervos; ao mesmo tempo que serve para reunir conhecimentos que são utilizados no desempenho de funções cotidianas.

O sistema de férias pagas — medida social de grande alcance — permitiu ampliar as regalias de um número restrito de cidadãos a uma grande maioria. O facto traduz-se numa vastidão de benefícios distribuídos pelos que viajam às indústrias de turismo e hoteleira e às

populações que vivem em regiões sem outros recursos que não sejam os de oferecer aos visitantes as suas belezas naturais.

Deste hábito generalizado nasceu uma espécie de turismo local, criado e desenvolvido pelos portugueses que muito justamente, e orgulhosamente, por vezes, pretendem conhecer todo o património nacional. Esta corrente de turistas, já hoje muito volumosa, e em regra de menores recursos do que os estrangeiros que nos visitam, devia ser tratada como gente da casa, isto é, sem nivelar o pagamento da sua hospedagem aos turistas exóticos.

Desta diferença de tratamento, que se traduziria mais em estímulo do que em escudos, resultava, decerto, um modo de fomentar o turismo entre nós e o interesse pelo conhecimento mais pormenorizado das belezas da nossa terra, e de toda a riqueza arquitectónica que possuímos espalhada pelo País — viva a eloquente expressão da história de uma raça que se orgulha de ter contribuído para a civilização.

Se ainda não caiu em desuso o lugar comum «Portugal é dos portugueses», não parece justo tratá-los como estranhos, quando põem o pé nos domínios da indústria hoteleira do País.

Conclui na 4.ª página

ACERTE, SE É CAPAZ!

É a designação do interessante concurso-tassatempo que «Jornal do Algarve» vai iniciar em breje, com prémios a distribuir todas as semanas.

Concordamos plenamente com este ponto de vista. De facto, o Algarve é uma província com grandes recursos de belezas naturais e que bem aproveitados com as indispensáveis condições de higiene e de conforto atrairiam todos os anos muitos milhares de portugueses e, sobretudo, de estrangeiros, que dariam vida ao progresso regional, além de que seriam eles próprios os mais entusiastas propagandistas das nossas belezas, reclamando-as no estrangeiro.

Mas para isso há muito que fazer, muito que construir, muito que aproveitar e lapidar, porque o tu-



A pequenina e encantadora praia de Benagil, inacessível por falta de estrada

rismo no Algarve encontra-se na fase primária. Vai agora despertando e começa a reconhecer-se a sua grande utilidade... enquanto, já hoje, muitos países vivem quase exclusivamente do seu turismo.

Conclui na 4.ª página

A saúde é a maior riqueza

EXCESSIVO E DEFICIENTE

Muitas pessoas acreditam alimentar-se optimamente, tendo às refeições peixe com batatas, carne com arroz, pão, uma garrafa de vinho ou cerveja, doce e café. Mas a verdade é que se alimentam mal, pois não comem nem frutas, nem verduras.

Organize racionalmente as suas cements, de forma a não haver ausência de vegetais frescos, nem excesso de carnes, de farináceos e de gorduras.



por A. ENCARNÇÃO VIEGAS

BIBLIOTECAS

A difusão da cultura tem sem dúvida constituído uma das maiores preocupações das entidades superiores que, secundadas por outras entidades particulares, bastante têm pugnado pelo maior desenvolvimento intelectual das camadas sociais.

Pois apesar do que se tem feito através do País, na nossa cidade, encerradas as actividades do Circulo Cultural do Algarve e da Aliança Francesa, nada se tem feito em prol da cultura, nestes quentes meses da época de Verão.

Por que não volta a existir no jardim a tal bibliotecazinha? Nós sabemos que nem sempre se torna fácil resolver determinados problemas e que a colocação da tal biblioteca implica a existência de alguém a quem a mesma fosse confiada.

Aqui deixamos a ideia e esperamos que a biblioteca volte ao jardim, pois apesar — repetimos — da dificuldade que resulta da sua colocação, decerto que a Câmara Municipal poderá resolvê-la.

Encontra-se nas Caldas de Monchique, o nosso amigo e assinante sr. dr. Alonso Vasques.

Encontra-se em Albufeira com sua esposa, filhos e sogra, o nosso assinante em Mosca, sr. António Ribeiro Lopes, comissário-chefe dos T. A. P.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nas Caldas de Monchique, o nosso amigo e assinante sr. dr. Alonso Vasques.

Encontra-se em Albufeira com sua esposa, filhos e sogra, o nosso assinante em Mosca, sr. António Ribeiro Lopes, comissário-chefe dos T. A. P.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso amigo e assinante na capital, sr. Jorge Ares de Mascarenhas, que de Lisboa seguiu, com sua família, para a sua casa de Vila Real (Trás-os-Montes), onde passará o Verão.

ECONOMIA

AUMENTO DE PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA na Europa e na América

O administrador do Agricultural Research Service do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos declarou que a agricultura americana produz presentemente mais 40 por cento que em 1939, sendo cultivada uma superfície aproximada de 250 milhões de acres.

Este espectacular aumento de produtividade deve-se na sua maior parte aos progressos técnicos. Em 1939 os cultivadores de milho produziram 2.500.000 «bushels», semeando 88 milhões de acres. No ano findo numa superfície inferior em 17 por cento, obtiveram uma colheita superior em 32% à de 1939.

Quanto a gado, em 1956 havia três milhões de vacas menos que em 1940, mas cada vaca produzia mais 300 litros anuais. Por cada dois ovos que uma galinha punha então, põem as suas descendentes cerca de três.

Também é significativa a análise comparativa em relação com a mão de obra: Na primeira guerra mundial a agricultura norte-americana utilizava 13.500.000 trabalhadores; na segunda guerra, 10.500.000 e presentemente 7.500.000.

Por sua vez o dr. F. T. Waklen, director do Departamento de Agricultura na Organização de Agricultura e Alimentação dos Estados Unidos (F. A. O.) declarou recentemente que a agricultura na Europa ocidental sofreu uma evolução sem precedentes nos últimos dez anos, havendo ultrapassado o ritmo de crescimento do sector industrial.

Entre os factores determinantes desta evolução favorável apontou o extraordinário desenvolvimento adquirido pela técnica agrícola e o aumento considerável do capital empregado que, por exemplo, em relação com os fertilizantes, é superior em 100 por cento ao de antes da guerra. A mecanização, com um parque de tractores que no referido período de tempo se multiplicou por 10, é também factor de importância.

Acordo internacional sobre o azeite de oliveira

Segundo informações da F. A. O., parece próxima a aplicação do acordo internacional sobre o azeite de oliveira elaborado por representantes de diversos países nas reuniões celebradas em Genebra e em Roma.

Trata-se de assegurar uma melhor distribuição das exportações de azeite de oliveira, suprimindo as dificuldades comerciais e reduzindo as excessivas flutuações do mercado. Isto garantirá estabilidade e progresso aos países olivícolas e permitirá aos consumidores segurança quanto a estabilidade de preços, qualidade e pureza do produto.

A vigência do acordo está prevista para quatro anos e as comunicações de rectificação recebem-se até o fim deste mês.

Até agora assinaram o protocolo quatro países produtores — Portugal, Espanha, França e Tunísia — que representam mais de 50% da produção mundial de azeite de oliveira.

Embora se exija para a vigência do acordo a assinatura de cinco países exportadores, podiam ser suficientes as dos quatro países que já o subscreveram. Entre os importadores, a Bélgica concordou em principio rectificar e a Inglaterra anuncia que assinará se com este trâmite entrar em vigor o acordo. Outros dois países produtores, Itália e Líbia, aderiram ao projecto primitivo e espera-se que aprovelem também o acordo agora estabelecido em Genebra.

Exportação de conservas Em Maio

Em Maio foi a seguinte a nossa exportação de conservas: atum e similares em salmoura, 30 ton., no valor de 376 contos; atum e similares em azeite ou molhos, 127.172 quintos, no montante de 2.652 contos; cavala em azeite ou molhos, 507 ton., e 6.410 contos; sardinha e similares em salmoura, 64 ton. e 416 c.; sardinha em azeite ou molhos, 2.901 ton. e 43.267 c.; similares de sardinha em azeite ou molhos, 386 ton. e 7.355 c.; conservas de azeitona, 348 ton. e 3.791 c.; conservas de produtos hortícolas, 97 ton. e 588 c.

Vai cessar a actividade dos tapa-esteiros na região

de Vila Real de Santo António

CAUSOU o mais justificado contentamento a notícia de que a Capitania do Porto de Vila Real de Santo António ordenara que cessasse em 30 de Setembro a actividade dos tapa-esteiros nesta região, por se ter reconhecido quão nefasta é essa modalidade de pesca.

A decisão agora tomada pelo sr. capitão do porto de Vila Real de Santo António é digna do maior aplauso, pois vem beneficiar milhares de pessoas que sòmente da pesca vivem.

Agradecimento

José Graciliano Vieira Carmo, vem por este meio agradecer penhoradíssimo, a todas as pessoas que se interessaram durante a doença de sua mãe, assim como àquelas que a acompanharam à sua última morada.

A todas o seu profundo reconhecimento.

Botas do Algarve

Vila Real de Santo António do 7 a 13 de Agosto

Table with columns for Vila Real de Santo António and Albufeira, listing trainees and their amounts.

Atum da costa do Algarve do 7 a 13 de Agosto

Table listing atun fish catches and amounts for Vila Real de Santo António.

Olhão do 7 a 13 de Agosto

Table listing olive oil catches and amounts for Vila Real de Santo António.

Quarteira Pesca durante o mês de JULHO

Table listing fish catches and amounts for Quarteira.

Armação de Pera do 7 a 13 de Agosto

Table listing fish catches and amounts for Armação de Pera.

MOVIMENTO PORTUÁRIO do 7 a 13 de Agosto

Table listing port movements, arrivals, and departures.

SAÍDOS: «Annalisa», para Génova, com conservas; «Arbedo», para Génova, com conservas; «Mira Terra», para Lisboa, com enxofre; «Fortuna», para Filadélfia, com cortiça.

Advertisement for DAVUM EXPORTATION, featuring contact information and details about their products and services.

Postal de Lisboa

por M. J. S. BARROS E SILVA

ESTA LISBOA...

Lisboa que sem dúvida se alinda cada vez mais, modernizando-se, não perdeu ainda nalguns pontos a graça e o pitoresco que nos fazem adivinhar a capital do século passado.

Assim, em pleno Alvalade, ainda nos é possível encontrar a célebre «Quebra Bilhas», taberna com os seus créditos firmados no tempo do fado fora de portas ou das idas para as hortas.

E em frente do mesmo Alvalade se encontra ainda um quarteirão repleto de palacetes e casas antiquíssimas de janelas ferradas e com valentes portões, a envergonhar as científicas fechaduras inglesas. Porém, estes edifícios muito em breve deverão ser demolidos para conclusão da Cidade Universitária, de que faz parte o Hospital de Santa Maria e onde se vêem já edifícios para várias faculdades e outros ainda que se destinam à sua população.

Um pouco mais para o Norte, quase no Lumiar, encontra-se ainda o antigo campo de futebol do Benfica, paredes meias com o Estádio do Sporting, que, segundo cremos, parece ser uma das últimas palavradas, em construções deste género. Embora grandioso, não tem a beleza do Estádio Nacional, perto da Cruz Quebrada, junto ao Jamor, pois enquanto o primeiro é uma mole cinzenta acima do nível do chão, o segundo, todo branco, assenta as suas bancadas na própria encosta do vale. No entanto, em matéria de estádios, Lisboa não se pode considerar pobre, pois parece-nos que já não há clube algum que não tenha ou não pense vir a ter muito em breve o seu estádio.

Claro que estas construções obrigam a abrir grandes avenidas para o rápido movimento de trânsito e, assim se vai pouco a pouco modificando.

Funcionalismo público

Encontra-se em vigor um lugar de oficial de diligências no tribunal de Lagos.

Advertisement for 'Fotografia Arnaldo', a photography studio specializing in portraits and reports.

15 Prevê-se que no período de 1958-60 dar-se-ão grandes acontecimentos

NO dia 9 de Outubro de 1954 aconteceram dois casos semelhantes que foram investigados.

Jean Pierre Mitto, engenheiro, de Briatexte (Tarn), França, regressava a casa de automóvel com dois seus primos. De repente reparou que atravessavam a estrada dois pequenos seres que corriam para um Disco de uns seis metros de diâmetro que estava próximo. Travou e viu penetrar no mesmo os dois seres que tinham o tamanho de crianças. Sem fazer ruído algum o aparelho descolou a uma velocidade fantástica. Jean comunicou às autoridades o que tinha observado, fornecendo toda a espécie de pormenores.

O curioso é que nessa mesma tarde, na Alemanha, à entrada de Munster, o operador de cinema Willi Hoge, que regressava ao seu domicílio, viu num campo, a uns 50 metros da estrada, um aparelho de cor azul, muito viva. Julgando que se tratava de um avião avariado aproximou-se e só quando se encontrava a alguns metros é que verificou que o aparelho tinha a forma de um charuto e estava imobilizado no ar, muito próximo do solo. Junto viu quatro homens que teriam 1,20 m. de altura. A cabeça era um pouco grande em relação com o corpo e as pernas delgadas. Estavam estranhamente vestidos com uma espécie de tecido de borraça. Willi Hoge ocultou-se e observou-os durante uns 12 minutos, enquanto eles esquiavam minuciosamente o terreno. Depois meteram-se no aparelho, que se elevou quase verticalmente. Willi pôde verificar então que o tubo ou charuto tinha a forma de um Disco e que a sua luminosidade aumentava à medida que subia.

O operador de cinema quis que a polícia fizesse uma investigação no local nesse mesmo dia, mas não o conseguiu, pois consideravam inverosímil a sua aventura. No entanto dias mais tarde estudou-se o assunto a fundo.

É interessante observar o processo das aparições dos Discos. Até o momento «só aterram nas proximidades de pequenas cidades», mas seguindo um plano cronológico: no período de 1947 a 52 voaram rapidamente por centros habitados e zonas estratégicas ou industriais dos Estados Unidos, principalmente; no período de 52-54 por toda a Europa, mas particularmente em França onde começaram a aterrar furtivamente (2.º e 3.º trimestres de 1954), até atingir o máximo período de actividade que foi no último trimestre de 1954, em operações nocturnas, absolutamente pacíficas e de observação. Prevemos que o período de 1958-60, seguindo esta progressão, nos prepara grandes acontecimentos.

Chegamos à altura em que entendemos que o público deve conhecer as investigações que se têm feito. Publicamos as comprovadas oficialmente. cremos que o caso que relatamos seguidamente fará com que acreditem no que temos dito, dada a fonte oficial de que ele dimana.

Uma máquina misteriosa «visitou» a Feira de Metz

O general Navereau, comandante da 6.ª Região e governador militar de Metz, recebeu em 13 de Outubro de 1954 uma informação do co-

mandante Cottel sobre «uma máquina misteriosa» que durante três horas, no dia 10 de Outubro, foi localizada por um reflector das Forças Armadas. Observaram o facto várias dúzias de testemunhas.

O Exército tinha instalado um «stand» no recinto da Exposição da Feira de Metz e durante a noite o projector iluminava o céu. As 22 e 10 localizou um estranho balão que estava imóvel no espaço. Admitiu-se toda a espécie de hipóteses, não se atrevendo ninguém a pronunciar a palavra «Disco». Pôs-se a funcionar a instalação de radar e teve-se a surpresa de a mesma não assinalar o objecto; no entanto este permanecia imóvel. Um dos técnicos comentou que se devia tratar de metal, já que o radar não o detectava. Os curiosos que estavam em volta do projector assim como muitos habitantes puderam observar a «coisa». Estudou-se durante esse tempo a altura e pormenores técnicos, chegando-se à conclusão de que tinha o diâmetro de 50 metros!

No entanto, cinco dias mais tarde, um comunicado oficial dirigido à Imprensa acabou com os rumores que circulavam. «Não há motivo para tomar em consideração as informações sobre este caso». Foi este o esclarecimento que as Forças Armadas forneceram.

«Vou pelo ar! Acudam-me!» — e nunca mais ninguém soube do pobre rapaz

Dois dias mais tarde, no dia 12, de manhã cedo, aterrou um Disco Voador num bairro muito popular no sul de Teerão, no meio de uma rua. Deu pelo mesmo Ghasim Faill, quando estava a uns 18 metros da máquina. Sentiu uma força estranha que o obrigava a dirigir-se, contra sua vontade, para o Disco (força magnética), mas ao vê-lo começou a gritar pedindo socorro aos seus vizinhos até que estes acudiram e então o Disco elevou-se, deixando tranqüilo, mas bastante assustado, Ghasim Faill. Estes pormenores publicaram-se pouco depois no jornal da tarde «Etallat», ao iniciarem-se as investigações.

Este caso não prova que os ocupantes dos Discos tenham intenções bélicas contra nós. Tal como os nossos antropólogos estudam as raças, poderia ser também esse o seu objectivo. Pelos estudos que se têm feito até agora, é possível que existam três classes de seres distintos, ou categorias, de acordo com a sua forma, altura, etc. Se quisermos levar pessoas do nosso planeta para estudá-las como se fossem cobaias humanas, ser-lhes-ia muito fácil levar pessoas encontradas só no campo. Nada disto aconteceu e os nossos investigadores de outras nações nunca deram qualquer informação a esse respeito, apesar de terem milhares de informações de Discos Voadores que aterram no nosso planeta das quais uma pequena parte foi comprovada oficialmente.

Só se conhece um caso isolado na noite de natal de 1890. Aconteceu em South Bend (Indiana, Estados Unidos), numa granja Es-

A verdade sobre os

DISCOS VOADORES

priedade de Tom Leeh. Os Leeh tinham dois filhos, Jim e Oliver, de 23 e 20 anos, respectivamente. Encontravam-se também presentes a menina Lillian Hirsch, filha de um magistrado de Chicago, noiva de Oliver e o rev. Samuel Mallelieu, ministro do culto metodista e outras pessoas. Por volta das 22 horas, a mãe de Oliver pediu-lhe que deixasse a reunião, onde cantava canções do Natal, para lhe trazer um balde de água de um poço próximo, dando-lhe ao mesmo tempo uma capa, pois nevara durante todo o dia e a noite estava fria. O rapaz saiu com dois baldes (em vez de um de que precisava a mãe). Saiu contente e feliz... e nunca mais tornou a ser visto!

Poucos minutos depois todos ouviram gritos de socorro e saíram a correr, podendo ainda ouvir: «Vou pelo ar! acudam-me!» Todos notaram que os gritos vinham do ar; ouviram-se mais alguns apelos, cada vez mais distantes e altos até que se deixaram de ouvir. Alarmados, a família e todos os convidados muniram-se de lanternas e ficaram surpreendidos ao verificar que os passos na neve se suspendiam a meio caminho do poço. Na neve não havia outros vestígios; procuraram-no por toda a granja, espalhou-se o alarme e a procura estendeu-se a toda a região. Só se encontrou um dos baldes dos dois que levava e estava relativamente próximo do sítio onde acabavam os vestígios dos passos. No dia seguinte fizeram-se novas buscas e investigações mas não se notou si-

nais de luta nem qualquer particularidade. Nunca mais se soube nada de Oliver e o mistério nunca foi esclarecido.

Este é o único caso passado com uma pessoa civil e há que ter em conta que ocorreu no século passado. Também sucedeu uma coisa estranha em 1924.

Em 24 de Julho de 1924, o tenente de aviação W. T. Day e o oficial piloto D. R. Stewart tinham sido enviados pelo quartel general britânico para fazer um voo de reconhecimento no deserto da Mesopotâmia. A sua missão durava só umas horas... mas nunca regressaram.

O avião foi descoberto no deserto «em perfeitas condições de funcionamento» e com suficiente carburante para regressar à base. Por que tinha aterrado? As condições meteorológicas eram excelentes.

CONCURSO NACIONAL de Trabalhos

ESTÁ a despertar muito interesse o Concurso Nacional de Trabalhos promovido pelos organismos operários da Acção Católica Portuguesa e destinado a comemorar o 1.º de Maio.

No concurso terão aceitação os seguintes sectores profissionais; a) madeira; b) metal; c) labores (rendas, bordados, etc.); d) artes plásticas; e) fotografia (motivos da vida operária); f) diversos.

O encerramento das inscrições termina no dia 1.º de Dezembro e a entrega dos trabalhos à Comissão Nacional verifica-se de 1 a 15 de Março do próximo ano.

Podem ser pedidos esclarecimentos à Comissão Nacional, Campo dos Mártires da Pátria, 45, em Lisboa.

Adaptado por L. Navarro Cruz de "Blackout sur les Soucoupes Volantes", de Jimmy Guieu

Direitos reservados da Agência SELIT — Direitos para Portugal do JORNAL DO ALGARVE

terrestres pacíficos: 1) Os que são exactamente iguais a nós. 2) Os que têm uma altura de 1,20 m. aproximadamente. 3) Os seres pequenos, de 0,90 m. de altura e que têm sido observados com escafandro. Poderia acrescentar-se um quarto grupo que está menos inclinado à «fraternidade» conosco, cujo aspecto não nos deve ser muito agradável e que assustou pessoas de Flatwood (Virgínia), tendo sido protagonista do caso Sonny Desvergers que ficou com um braço queimado devido a um raio emitido por uma criatura que pilotava um Disco Voador. Será este tipo de ser que levou pelos ares Oliver Lerch e os dois pilotos ingleses? Não o sabemos. Só sabemos que existem e que os três tipos definidos primeiramente limitam-se a vigiar-nos e observar-nos. Admite-se a hipótese de estes três tipos diferentes e pacíficos nos estarem protegendo contra os mencionados no quarto grupo. Ouçamos o que diz sobre o assunto o general Mac Arthur: (em 7 de Outubro de 1945 numa entrevista no Waldorf Astória, de Nova York, com Achille Lauro, do «New York Times», cujas palavras foram consideradas de uma gravidade excepcional).

«Uma nova guerra seria um duplo suicídio e existem bastantes razões em ambos os lados da cortina de ferro para evitá-la. As descobertas dos homens de ciência de todas as nações da Terra devem conjugar-se com o fim de formar uma frente comum contra o ataque de habitantes de outros planetas». E acrescenta: «Os políticos do futuro serão cósmicos ou interplanetários». Supomos que o general Mac Arthur terá excelentes razões (e não menos excelentes informações), para fazer publicamente afirmações de tal gravidade.

Deixemos sorrir os cépticos; nós anteveamos a expressão perplexa deste oficial superior pensando: «Se uma esquadra de astronautas se projectasse para a Terra munida de armas tão fantásticas como canhões desintegradores, projectores de raios paralisantes ou que

anulem a nossa vontade, que socorro ou de que ajuda ou de que meios de defesa dispomos? Pois bem, os factos comprovados demonstram que os Discos Voadores dispõem de forças ou raios que paralisam um carro em marcha, raios que paralisam pessoas assim como de raios que ocasionam a morte. (Lembrei-nos do que se passou em 21 de Outubro de 1954, próximo de Naples (França). Um cão pequenino, ao descobrir um Disco Voador atirou-se contra ele e ouviu-se um silvo agudo (possivelmente frequência ultra-sónica) e o animal caiu morto. Isto passou-se diante de testemunhas).

Dois caças pretenderam capturar um Disco...

Em 14 de Outubro de 1954, às 13,30, umas crianças viram um Disco Voador sobre a cidade de Fontaine-de-Vaucluse (França). Pouco depois toda a gente viu um grande Disco de aparência metálica, muito brilhante, que tinha a forma de um capacet hemisférico. O bordo circular emitia com intermitências luzes que variavam do branco ao violáceo, passando pelo vermelho (pormenores iguais aos do Disco que voou sobre o aeroporto de Orly, em Paris). Voava devagar sem fazer ruído.

A base aérea de Caritat foi avisada e saíram imediatamente dois aviões de reacção, do tipo caça, que chegaram à referida cidade às 14 horas. Fizeram duas viragens, tomaram altura e picaram em flecha sobre o objecto. Todo o povo assistia à extraordinária manobra. Os caças de reacção estavam em contacto com a base e comunicaram que tinham à vista o Disco e que se preparavam para capturá-lo...

Nada disto aconteceu porque o Disco limitou-se a voar com uma velocidade superior à dos aviões. Toda a gente viu como o Disco tomava altura, perseguido pelos dois aviões de reacção.

O diário «Provençal» de 15 de Outubro de 1954, dizia: «O nosso redactor estava em comunicação

Continua na 4.ª página

POMAR

De laranjeiras, de várias qualidades, no Sítio da Azeda, arrenda-se.

Dirigir propostas a António da Costa Estevens — Castro Marim.

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L.
Rua de S. Bento, 178-1.º LISBOA

Motores marítimos: **SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD** — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: **SUDRY ASSMAN** — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto **MASSER**. Máquinas para café-creme **EUREKA** Agentes em todo o Algarve

Fábrica de Redes de Pesca Marina, Lda.
FUNDADA EM 1950
EST. CIRCUNVALAÇÃO, 13975 End. Telog. MARINA
(CRUZAMENTO DA VIA MARECHAL CARMONA)
PORTO (PORTUGAL)

Fabricantes de vários tipos de redes e da conceituada marca «Rosário», a rede que tem a preferência da Indústria Piscatória

A mais recente unidade industrial do País e exclusivamente Portuguesa

A MELHOR TÉCNICA AO SERVIÇO DO MELHOR FABRICO

Luta-se com falta de água para a indústria de conservas de peixe

algumas localidades do Algarve

ESTÓMBAR — Os industriais de conservas de peixe das zonas de Mexilhoeira da Carregação, Parchal e Ferragudo reuniram-se no dia 4 deste mês na Câmara Municipal do concelho de Lagoa, onde expuseram ao sr. presidente da Câmara a situação angustiada em que se encontram, pela carência absoluta de água para a sua indústria.

De facto, algumas das 12 ou 13 fábricas das regiões mencionadas vinham sendo abastecidas por intermédio da Câmara Municipal de Portimão, mas esta, devido à prolongada estiagem, viu-se obrigada a cortar esse abastecimento, pois nem ao menos tem água suficiente para a cidade.

Sabemos que aqueles industriais foram recebidos de forma acolhedora pelo sr. presidente da Câmara de Lagoa, que lhes mostrou o interessante projecto de abastecimento a todo o concelho e lhes disse que a Câmara está aguardando empréstimo que já pediu e bem assim a respectiva participação, para sem demora começarem os serviços de distribuição à zona industrial.

Urge que as entidades competentes resolvam imediatamente o assunto, para que a indústria de conservas de peixe não lute com as dificuldades que presentemente tem.

Como é do conhecimento de todos, os serviços de captação de água para o concelho de Lagoa encontram-se modeladamente montados em Estômbar, onde o caudal é inesgotável, encontrando-se já em funcionamento o serviço de distribuição à sede do concelho.—C.

DISTRIBUIDORES: J. J. GONÇALVES, L.ª — Lisboa

COM HYDROSTOP POSSIVEL GRACAS A EMBRAIAGEM HIDRÁULICA, O TRACTOR PODE SER CONDUZIDO A PÉ E AO LADO.



PORSCHE - DIESEL

Agente no Barlavento do Algarve: **José dos Reis Baptista**
Largo do Dique, 6 — PORTIMÃO

BENAGIL e a estrada do Parchal-Armação de Pera

Conclusão da 1.ª página

Não desejariamos ater-nos exclusivamente ao turismo, dadas as nossas riquezas: piscatória, conserveira e agrícola; todavia, o turismo será de futuro uma das nossas maiores riquezas, desde que todas as entidades pensem de verdade no seu aproveitamento. E no Algarve não faltam belezas naturais onde ainda não chegou a mão obreira do homem, nem as suas vistas penetraram em muitas maravilhas negadas à sua contemplação. E isto por falta de vias de acesso a estes recantos tão pitorescos, tão agradáveis e tão românticos, que exaltam a vista e a alma na contemplação das suas maravilhas.

Quem é dos turistas que nos visita que conhece a típica povoação de Benagil? Nenhum, certamente! E ali está um recanto dos mais belos da costa algarvia, verdadeiro tesouro de belezas admiráveis, com as suas grandiosas furnas, que encerram lindas praias onde a frescura nos acaricia, predispondo-nos a um bem estar aprazível; com belos pesqueiros para o desporto e uma sequência de lindas e primorosas praias, pérolas engastadas na orla marítima, emolduradas de altas falésias e de caprichosas penedias onde os pombos bravos arrulham as suas canções amorosas, ao som melodioso do marulhar das vagas que penetram pelos interstícios dos rochedos.

Tudo é fascinação, beleza singela e primitiva, dádiva que a natureza ofertou a este rincão da costa algarvia (Ponta do Altar a Armação de Pera).

O que seria Benagil se houvesse um pouco de boa vontade dos homens que governam os destinos do nosso País, servindo-a com a bela estrada turística marginal — Parchal-Armação de Pera? Certamente um dos pontos da costa algarvia mais concorrido pelos turistas que gostariam de apreciar o agradável do seu primitivismo e tudo quanto de singeleza ali se encontra.

E que valor real de engrandecimento à sua praia não seria se, com um pouco de gasto, perfurássemos, para seu acesso, as suas duas grandiosas furnas laterais para ligação às suas lindas praias? Ali se passaríamos dias maravilhosos na meditação de tudo quanto é belo, embalados pela eterna melodia do mar que, murmurante, vem espriar-se aos nossos pés.

Mas para que tudo isto seja uma realidade, torna-se necessário e urgente que o nosso Governo imponha a construção da estrada marginal Parchal-Armação de Pera. E

que nesta povoação, Benagil, vivem, também, muitos pescadores e lavradores que são todos portugueses e contribuem, também, para os cofres do Estado e, por esta razão, têm iguais direitos ao progresso, às comodidades e ao convívio com o mundo civilizado. Não está certo na nossa época, em que se empregam, por todo o País, os maiores esforços no engrandecimento da Pátria e no bem estar de todos os portugueses, que exista no centro do Algarve, onde partiram, há séculos, as primeiras caravelas com os nossos bravos marinheiros a descobrir mundos e a espalhar a civilização, neste jardim à beira mar plantado, não está certo — repetimos — que exista uma população num tão grande estado de abandono — sem água, sem luz, sem uma única via de acesso, num verdadeiro isolamento deprimente para Portugal e para os portugueses. — *Eurico Santos Patrício*

Teve larga concorrência a feira anual pela primeira vez realizada na Conceição (Tavira)

ANTEONTEM realizou-se pela primeira vez a feira anual da Conceição (Tavira), que atraiu muito público, tendo-se realizado numerosas transacções.

Esta feira, criada por recente deliberação da Câmara Municipal da vizinha cidade, é franca nos três primeiros anos, nela se realizando concursos pecuários, com prémios para as espécies melhor classificadas.

DIVERSAS

Subsídio — Pelo sr. ministro das Obras Públicas foi concedido à Câmara Municipal de Loulé, o reforço do subsídio do Estado de 5.000\$00, para execução da obra de abastecimento de água a Quarteira, com distribuição domiciliária.

Concurso — Os serviços municipalizados de Portimão abriram concurso, em carta fechada e lacrada, para a obra de prolongamento da conduta elevatória e construção de dois troços da rede de distribuição da cidade de Portimão.

Visado pela delegação de Censura

RADIONE GIPSY e HEA-TRIXI



Os receptores de T. S. F. sem lâmpadas
TRANSISTOR-Portátil

Mais de 300 horas de música apenas por

12\$00

SOM INIGUALÁVEL

GRANDE PODER DE CAPTAÇÃO

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

RÁDIO STAR

RUA DE S. NICOLAU, 56

LISBOA

TELEFONE 29637

DISTRIBUIDORES NO ALGARVE:

FARO, OLHÃO, LOULÉ e S. BRÁS DE ALPORTEL

— Rádio Reparadora do Sul —

PORTIMÃO - Electro Vitória

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - António Soares

LAGOS - Rádio Lacóbriga

LAGOA - Rogério Correia das Neves

S. BARTOLOMEU DE MESSINES - Alfredo da Silva Neto

ESTOMBAR - Salvador Gonçalves Malha (Casa Verde)

A SPECTOS DO TURISMO

Conclusão da 1.ª página

Também não é menos verdade que a pequena e a grande Imprensa advogam constantemente a construção de hotéis e pensões nas regiões mais visitadas, para alojar, quase exclusivamente, os turistas endinheirados, menosprezando, ou mesmo ignorando, a existência dum grande número de turistas nacionais de posses limitadas ao pecúlio reunido para as almeçadas férias anuais.

Em boa lógica devia-se contar com o aludido tipo de turistas, filhos legítimos da classe que constitui, sem dúvida, o nervo da Nação e é a mais sacrificada pelas exigências da vida. Não será portanto ousado afirmar a conveniência de se defender também, com o maior interesse, a construção de pensões residenciais, isto é, só com quartos de dormir, para alojar empregados no gozo das suas férias, com o limite máximo de 5 noites — a exemplo do que já se faz com as estadias nas pousadas do SNI — alojamento que também podia ser isento do pagamento da taxa de turismo.

De resto, não merece essa laboriosa gente portuguesa o mesmo tratamento que se dá, e muito bem, à classe dos caixeiros viajantes, que beneficiam de dez por cento na hospedagem do norte a sul do País?

A nosso ver, supomos que seria possível harmonizar os sistemas usados, dentro de uma nova concepção, de modo a contribuir para que se viajasse mais, com largo benefício das indústrias de turismo e hoteleira e de todos aqueles que procuram nas viagens o tónico ideal para o esgotamento das suas energias e recuperação do equilíbrio de nervos, vítimas directas da agitada época em que vivemos.

A política das boas construções hoteleiras, com todos os requisitos modernos para receber quem nos visita, é absolutamente defensável mas só na medida em que essas construções possam ser necessárias — até no interesse da própria indústria — mas a construção de instalações de certo modo económicas para receber nos locais mais visitados os muitos milhares de portugueses que percorrem o País é urgentíssima, para evitar o espectáculo pouco dignificante e conflagrador de ver essa gente passar a noite dentro dos seus transportes, e por vezes em locais onde existem instalações caras. Assim ninguém aproveita.

J. A. N.

O Ensino no Algarve

Escolas técnicas

Encontra-se vago o lugar de escriturário de 2.ª classe da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António.

— Podem requerer o seu provimento nas vagas de contínuo de 1.ª classe na Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, os contínuos com mais de dois anos de serviço na escola a cujo quadro pertencem.

— Foi nomeado professor efectivo do 11.º grupo da Escola Industrial e Comercial de Faro o sr. dr. José António Marreiros Cardeira.

Liceus

Foram isentos do pagamento de propinas os seguintes estudantes que frequentaram o Liceu Nacional de Faro, no ano lectivo de 1957-1958: Joaquina Maria Araújo Ferreira, 7.º ano; Maria Luísa Segura da Cruz, 6.º ano; Maria Manuela Guerreiro Vargas, 1.º ano; Maria José Medeiros Correia, 4.º ano; Elsa do Carmo Caetano Mendes, 1.º ano; Maria Isabel Gravata Rodrigues, 2.º ano; Ângela Maria Martins Pinto, 3.º ano; Maria Arminda Rodrigues Ferreira, 1.º ano; Assis Filipe da Conceição Rodrigues, 2.º ano.

DISCOS VOADORES

Continuação da 3.ª página

telefónica com a base aérea da qual informavam por rádio a situação exacta do Disco. Foi fácil orientá-los. Ou seja, que fora da redacção do jornal que deram a notícia à base e que esta estava simultaneamente em comunicação com os aviões e com o jornal. Também um dos secretários da Câmara Municipal telefonou para a base.

O aparelho estava quase imóvel a uns 400 metros em vertical sobre Fontaine.

Apesar de todas as provas outro jornal informou os seus leitores de «que uns aviões que saíram para uma missão sem importância, ao chegar à cidade não encontraram vestígios de nenhum Disco Voador». Sempre evitando a verdade. No entanto nesta ocasião o relatório oficial demonstrou que o facto tinha acontecido e deu um pormenorizado relato do mesmo. Por que mentia então o outro jornal?

E' inqualificável esta maneira de desvirtuar os factos. O curioso do caso é que o Secretário do Ar comunicou que efectivamente tinham voado dois caças sobre Fontaine e não tinham encontrado Disco nenhum. Evidentemente que esta nota oficial não pode convencer ninguém.

Nesse mesmo dia 14 de Outubro, na Tailândia (Sião) a imprensa publicava a seguinte informação: «Esta semana têm sido muitas as aparições de Discos Voadores na parte baixa das fronteiras do Sião e Birmânia e estamos convencidos que certos Discos aterram na selva».

E' nosso convencimento que não existe uma única nação na Terra que não tenha sido «espida» ou «viada» pelos Discos Voadores. Os cépticos e os que só sabem dizer não, sem saber porque, rir-se-ão das nossas palavras, mas vamos dar agora uma nota oficial de um centro astronómico russo. Este país, que tão zelosamente guarda os seus segredos, também fala dos Discos Voadores. Vejamos:

Também a Rússia é visitada pelos Discos Voadores

Um telegrama difundido pela agência F. P.: «Ultimamente em Moscovo muitas pessoas afirmaram ter visto um objecto em forma de charuto que esteve certo tempo imóvel... Hoje o jornal «Sovietskaya Bielorussia» dá notícia de outro fenómeno observado simul-

taneamente pelos habitantes de Gome e pelo Centro Meteorológico de Jobline».

Esta foi a primeira notícia OFICIAL da Rússia sobre os Discos Voadores. Mas a prova da existência dos Discos Voadores não se deve exclusivamente às observações registadas, oficial e particularmente em todo o mundo. Existem provas de origem extraterrestre, materiais dos Discos Voadores. E ao falar de provas não nos referimos às que estão em poder de certos governos, mas às que também possuem certas pessoas particulares que preferem guardar silêncio... (é necessário ocultar a verdade porque julgaríamos que estávamos loucos ou que procurávamos popularidade e rir-se-iam de nós). É uma maneira de continuar a viver tranquilo.

No próximo artigo publicaremos o caso mais extraordinário sucedido em Março de 1955 num contacto directo com um ser do espaço, existindo um objecto que é a autêntica prova material da aventura, pois É IMPOSSÍVEL fazer o referido objecto em qualquer lugar da Terra. (Copyright by Jornal do Algarve)

Próximo e último artigo: Existe a prova material da visita de habitantes de outros planetas.

PRÉDIO

em Vila Real de Santo António

VENDE-SE, tendo na Rua Miguel Bombarda o n.º 116 e na Rua da Princesa o n.º 113, de dez compartimentos, dois corredores, despensa, casa de banho, quintal e varandas. Tratar com Inácio Gomes Baptista, Avenida Visconde de Valmor, n.º 57-3.º Esq. — Lisboa.

NYLON FIOS E CABOS

Para a pesca. Depósito. Caixa Postal 309 — LISBOA.

AS FESTAS DE ALBUFEIRA

realizam-se nos dias 30 e 31 PATROCINADAS pela Comissão de Turismo e em benefício da assistência local, vão realizar-se em Albufeira nos dias 30 e 31, as festas anuais, que devem, como de costume, ser muito concorridas. Haverá iluminação, bailes populares, fogo de artifício, provas náuticas e outros atractivos.

RIO SEM BARCOS

Conclusão da 1.ª página

e dos amigos das outras águas da beira-mar portuguesa, que por tantas e tantas vezes têm engalanado o rio-limite de Portugal!

Como filhos tornados, pelas circunstâncias, em enteados, traineiras e acostados abalaram. Mar em fora, dezenas e dezenas de horas de constante navegar, ultrapassado o Estreito de Gibraltar, estas frágeis cascas de nos, que são os pequenos barcos pescadores, provam águas de outros mares...

E lá, mercê da abundância e da inexploração de que têm gozado até agora, o ventre marinho abre-se na riqueza de se dar...

Entretanto, na ida e na volta, os dias se gastam e se renovam... Os que seguem a bordo, saudosos de tudo o que pôr cá ficou, tanto mal e tanto bem... Os que os viram abalar, saudosos de homens e barcos. Saudade e ansiedade, entrelaçadas no mais fundo de cada um. Saudade e ansiedade transformadas em esperanças e em receios... Podem voltar, podem não voltar. Podem trazer riqueza, mas podem trazer os porões a abarrotar de desilusão... Se é tão longe a meta que leva à conquista do negro pão de cada dia!

Para que o rio se não esqueça dos barcos e dos homens, várias vezes por dia as voses dos ausentes encham estas bandas ribeirinhas. Pela rádio, os de tão longe informam do que se vai passando... Os de cá acariciam a saudade, dando novas e instruções... A horas combinadas, a Rádio Costeira emite e recebe... A ponte é ligada nos dois polos da saudade. Nos dois polos da saudade e no vértice do interesse comum...

Mas, hoje, o Guadiana está de luto. O rio internacional está lindo. Suas águas estão lisinhas. Nem a mais leve ondulação, para provar da sua potência maciça, sob a lisura de espelho. Paz total. Paz pobre, bafenta, de cemitério. Paz que não é de reconforto, mas de desolação...

A ausência dos barcos da sua frota pesqueira emoldurou o azul do céu nas suas águas. Mas é como se as flores de um jardim tivessem sido surripadas.

O Guadiana sem barcos é como um sadio gigante sem um sério motivo para viver!

Agosto, 1958

A Vicente Campinos

O PROLONGAMENTO até S. Bartolomeu de Messines das carreiras de Loulé-Alte

S. BARTOLOMEU DE MESSINES — A EVA, de Faro, tem duas carreiras de passageiros que vindas de Loulé, chegam a Alte às 9 e 50 e às 16 e 40. Há muito que as Juntas de Freguesia, as Câmaras Municipais e demais entidades, deviam ter providenciado para que estas carreiras tenham o seu término em S. Bartolomeu de Messines, o que muito beneficiaria o público. Quanto ao aumento de despesas que tal prolongamento traria — gásóleo e desvalorização de material — pode considerar-se nulo ou irrisório, visto serem apenas mais 11 quilómetros. Os populosos sítios de Monte da Charneca, Messines de Cima, Messines de Baixo e Portela, ficariam com mais ligações à sede da sua freguesia, à sede do seu concelho e à estação ferroviária que os serve. Os rapazes e famílias em idade de frequentar a Escola Industrial e Comercial de Silves, também muito beneficiariam.

Pedem-se e aguardam-se providências urgentes para a solução do assunto.

Instalação de telefones — As requisições de telefones eram prontamente atendidas, o que contribuiu para o elevado número existente nesta localidade, em relação à sua categoria.

Ultimamente, porém, as montagens têm demorado, havendo requisições feitas há tempo, cujos pretendentes não sabem quando virão a ser atendidos.

Desconhecendo-se as razões da demora, que prejudicam os requisitantes e o público, espera-se que os C. T. T. removam o mais breve possível as dificuldades existentes, recomeçando com as montagens. - G.

ALBANO BASTOS & IRMÃO, LIMITADA

Fábrica de Serração e Carpintaria Mecânica

Fabricação de pupitres • Madeiras serradas e aplainadas • Caixotaria
Telefone 35 — AREAL-PAMPILHOSA DO BOTÃO-(Portugal)

SEGURO POPULAR DE VIDA



50,00

POR MÉS GASTOS NUM

SEGURO POPULAR DE VIDA

DA COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

PERMITEM-LHE REALIZAR O SONHO DE FAZER ECONOMIAS



COMPANHIA DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

Agente em Vila Real de Santo António:

Aurélio de Brito Clemente

Rua Jacinto José d'Andrade, 19

TELEFONE 85



ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS

RIV

FABRICO ITALIANO

PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE 73 A 79 - LISBOA

CAÇADORES

NOVIDADE

Espingardas de canos sobrepostos italianas

“ZANOTTI”

LINDOS MODELOS AO PREÇO EXCEPCIONAL DE

5.950\$00



EM STOCK

Espingardas PIETRO BERETTA, MERKEL, AUSTRIA, VICTOR SARASQUETA, BREDÁ, LIÈGEOISE e outras marcas

A. M. SILVA
ARMEIRO

Rua da Betesga, 1-LISBOA -Telef. PBX 31313/31314

ARMAS — MUNIÇÕES — CAÇA — PESCA — DESPORTOS

LIVROS

‘Cartas sem moral nenhuma’

por M. TEIXEIRA GOMES

NO prosseguimento da reedição da obra de Teixeira Gomes, a Portuguesa Editora, lançou no mercado literário o terceiro volume, «Cartas sem moral nenhuma», correspondendo esta edição à 4.ª do valioso livro, que se lê quase de um fôlego, tão aliciantes são as maravilhosas «cartas». Versam estas sobre um passeio do autor à Andaluzia e à Ilha da Madeira, as regiões que nos são descritas com os primores de estilo que consagraram o escritor algarvio como um dos mais finos prosadores da língua portuguesa, com o adicional do espírito agudo e malicioso que agradavelmente se surpreende nos seus escritos. O livro fecha com uma «Carta aos leitores sobre coisas mínimas» que é sem dúvida uma das crônicas mais interessantes, pela efabulação e pela graça, do saudoso e inesquecível homem de letras. Eça de Queirós gostaria de ter escrito esta crônica.

DOIS TRABALHOS sobre a Ilha da Madeira

DA coleção Terras Portuguesas, publicação da Shell Portuguesa, saiu agora uma interessante e útil monografia sobre «Madeira e Porto Santo». O texto, de Jaime Leal, divide-se nos seguintes capítulos: Carácter da região, Panorama geral, A paisagem e o homem, A história e os monumentos e Usos e costumes. No útil livrinho, ilustrado com belas fotografias, inclui-se também uma relação dos serviços da Shell no arquipélago, o que é prestimoso para os automobilistas.

Com esta coleção de monografias presta a importante companhia um bom serviço à divulgação das belezas do nosso País.

Também o nosso estimado camarada Adolfo Lizón acaba de publicar a conferência que sob o título «Isla de Madeira, Orquídea del Atlântico», realizou no Círculo Medina, em Madrid, e repetiu na Sala da Imprensa do S. N. I. Trata-se de um trabalho criteriosamente elaborado e no qual se focam aspectos históricos, literários e paisagísticos da formosa ilha que os algarvios ajudaram a povoar, logo após a sua descoberta.

Adolfo Lizón que à sua função de jornalista junta a de professor do Instituto Espanhol em Lisboa, compenetrando-se como bom repórter, do ambiente madeirense, o que lhe deu ensejo a redigir uma bellissima reportagem, enriquecida de transcrições poéticas, um verdadeiro repositório de imagens literariamente perfeitas daquele bocado maravilhoso de Portugal.

As conferências presidiram, em Madrid, o capitão-general da capital de Espanha e em Lisboa o sr. prof. José Ibañez-Martín, embaixador espanhol.

VENDE-SE

Em S. Brás de Alportel, sítio da Gralheira, junto à Estrada Nacional uma propriedade que se compõe de terras de regadio e sequeiro, tem duas noras, dois tanques e muitas árvores de fruto.

Trata Joaquim Morgadinho, Rua Engenheiro Ayres da Fonseca. — BEJA.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

XXI Volta a Portugal em Bicicleta

AFINAL OS “MINHOCAS” também têm pernas

Uma equipa como a do Ginásio de Tavira, jovem e sem experiência alguma em provas de tanta envergadura, não iria decerto para a «Volta» com grandes aspirações.

A sua finalidade seria mais a aprendizagem e o contacto oficial, a fim de se estruturar equipa que pudesse amanhã elevar o Ginásio à altura dos grandes do ciclismo nacional.

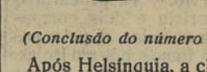
O Ginásio fez a sua inscrição na «Volta» e os inscritos eram de valor desconhecido, pelo que a Imprensa se limitou a noticiar o aparecimento dos ciclistas tavrineses. Mas, houve um jornalista que levou o caso mais longe ao afirmar que os corredores do Ginásio seriam os «minhocas» da grande prova e que a sua inscrição não tinha outra finalidade senão a de «fazer número».

Nada poderíamos dizer nessa altura e esperámos oportunidade de o fazer.

A verdade, já comprovada, é que os «minhocas» têm pernas e demonstraram até agora que andam tanto como os outros. Temos visto todos os dias nos primeiros dez corredores classificarem-se um ou dois tavrineses e que uma das «sensações» do festival de inauguração da «Volta», na pista do Estádio do Sporting, foi o maravilhoso «sprint» que Jorge Corvo arrancou quando venceu a sua série.

Gostaríamos que o tal jornalista nos dissesse, agora, se os corredores do Ginásio ainda continuam a ser os «minhocas» da Volta. — Ofir

VELA O 2.º acto da “teimosia FINN”



(Conclusão do número anterior)

Após Helsinquia, a classe progrediu em toda a Europa a olhos vistos, organizando-se logo em 1953 regatas regulares internacionais que anualmente se correm em Zeebrugge (Bélgica), e instituiu-se a «Taça de Ouro dos Finns». Todavia, em Portugal, o «finn» caiu em tal abandono que os nossos três únicos barcos foram arrumados no posto da A. D. da B. N. Motivado por este ostracismo colectivo do «finn», foi-nos possível obter em Outubro de 1952 a cedência do pior da frota (o n.º 1), que apesar de mal vedado e excessivamente pesado, serviu-nos até Abril de 1954 para, na prática, estudar este esplêndido barco à vela. Vimos então que a análise do barco e a sua condução à vela era exactamente o que escrevera W. Lloyd Prichard e que foi publicado em Abril de 1952 com vários gráficos e desenhos onde se falava já de uma técnica dinamarquesa. Quer dizer, já antes dos jogos olímpicos de Helsinquia se tinha escrito o suficiente sobre o «finn» para os nossos entusiastas poderem ter estudado alguma coisa.

Mas a falta de interesse pelo estudo dos assuntos desportivos da vela é entre nós de tal ordem — e predomina um tal estado de cabulice entre os que sucessivamente se têm proposto para conduzir os destinos do nosso desporto de há uns anos para cá — que não é de admirar ver o nosso campeão de «finns», eleito em 1957, ir a Zeebrugge, ignorando completamente todos os elementos técnicos que existem sobre o barco, e o voltarmos nós a ser surpreendidos com uma derrota muito mais retumbante do que a de Helsinquia. O que aflige mais não é o septuagésimo lugar de setenta e três corredores, mas sim o termos demonstrado que, em Portugal, a classe sofre de enorme atraso técnico. Evidentemente que sem treino (que é o caso português) não se podem ganhar regatas em barcos da categoria do «finn», mas saber lutar, e a demonstração da nossa capacidade técnica desde a execução da regra à apresentação do barco em si quanto a concepções que se podem aprender pelo estudo do que está escrito, é o nosso fundamento desta crítica. É para isto que a F. P. V. apoia as secretarias privativas ou as associações privativas das classes e não para estas se imporem quanto aos seus interesses privativos, e no caso do «finn» ficou demonstrado que a classe não tem categoria para se impor a outras que melhor figura poderiam ter feito no conceito internacional. Aceitar-se o conselho «dos melhores mestres estrangeiros», sem nós sabermos decidir por nós próprios, dá o descalabro de Zeebrugge.

Mas mais: — Voltou-se de Zeebrugge num estado de confusão mental completo, tal foi a impressão dos mastros curvos, ou tão maleáveis ao ponto de se curvarem quando se caça a retranca.

Velas bojudas ao ponto de armarem pèssimamente, com rugas, e um saco excessivo junto ao punho da amura, quando o barco está em calma, só armando bem quando cheias de vento.

Calha da escota para além das medidas regulamentares de 1952. Nas bolinas a retranca a arrastar o convés, junto ao punho da escota, devido ao bojo da vela e curvatura do mastro.

Ora tudo isto é velho de muitos anos, não só nos «finns» como noutros barcos. Nos tempos dos «bastardos» sempre se bolinou melhor com velas de bom corte e com bojo, e com as esteiras tão baixas no convés que nada se via para sota-vento, especialmente com ventos frescos.

Perdemos completamente a técnica das velas com bojo e ficámos (ou alguns ficaram) «embasbacados» quando viram os holandeses com esta técnica (que há tempos os «finns» copiam) das velas com bojo e as retrancas a arrastar o convés, nas bolinas. E porque perdemos este sentido que herdámos dos Árabes? Porque uns «técnicos» nos trouxeram da América a técnica das «velas tábuas» nos «stars». E toda a gente queria «tábuas» assim como toda a gente que se preza... de ser moderna não faz as suas velas novas velejando, mas enverga as velas nos barcos e coloca estas nas muralhas de Belém, sentando-se de cadeira a admirar o corte.

Os holandeses, ingleses e outros nórdicos fazem as suas velas com qualquer tempo. Os campeões de «sharpies» holandeses quando a isso eram obrigados, cediam as velas novas para andarem a ser trabalhadas, ao máximo, por rapazes da sua confiança, sendo o sentido

representou-se na Bélgica por RODOLFO FRAGOSO Antigo Secretário Geral da F. P. V.

«dar a vela ao máximo trabalho». Continuando com os «finns», já nos jogos de Helsinquia, Paul Elvstrom enganou o encarregado do «controlo» da classe «finn», obtendo deste o consentimento de mudar a calha da escota regulamentar por uma sua calha, com muito mais largura, e que lhe dava mais rendimento nas bolinas, pois que a retranca caçada, tem que ficar numa certa conta de graus em relação ao centro fora a fora, ou popa-proa do barco e a calha regulamentar dificultava este ângulo. Felizmente o júri descobriu o logro a tempo e fez Elvstrom repor a calha do regulamento da classe, não o desclassificando nas regatas que correu ilegalmente, porque o fez autorizado pelo engano do técnico do «controlo». Caso semelhante se deu em Cascais, em que um velejador nosso, também encarregado do «controlo» dos «finns», mudou a cana do leme, levando o júri a consentir a mudança. Parece que tendo a classe «finn» (assim como várias outras) a sua Associação privativa, tudo isto deveria ser já do conhecimento dos interessados que se agruparam exactamente para tomar mais amplos conhecimentos sobre o barco. Mas o «finn», em Portugal, continua na mesma ignorância de que «gozava» antes da classe estar organizada. Por isso ficámos admirados quando o nosso campeão de «finn» voltou da Bélgica desapontado. O que o choca não é perder, mas a incapacidade dos «finnistas» portugueses darem qualquer luta aos seus adversários, tal como um tenista continuamente a atirar as bolas fora, ou não apanhando as que lhe jogam.

Há uma fotografia em que se vê o «finn» português numa indecisão completa de rondagem de baliza, talvez por receio da regra 31, uma das que sofreram alteração posteriormente à publicação das regras da F. P. V. sem que até hoje o código fosse actualizado, ou os velejadores que vão ao estrangeiro defender as nossas cores, informados por escrito das alterações das regras. Onde se foi, pois, buscar esta segunda dose de optimismo «de jacto», quando nunca nos interessámos pelos «finns» ao ponto de tomarmos parte em qualquer prova internacional, mesmo «de trazer por casa», depois dos jogos de 1952?

Onde se foi buscar tanto optimismo, quando nem sequer a esperança de irmos a Melbourne em 1956, em «finns», trouxe mais do que umas regatas caseiras organizadas pela A. D. da B. N.?

Porque é que o «finn», entre nós, não vai além de um barco de passeio à borda de água com ventos de força 2-3?

Porque é então que se compromete a F. P. V., levando-a a fazer as regatas da I. Y. R. U. em «finns» e se comprometeram os presidentes da Assembleia Geral, da Direcção

UM APELO AO SR. PRESIDENTE do Município de Portimão

FERRAGUDO — Chamamos a atenção do sr. presidente da Câmara no sentido de serem tomadas urgentes providências para a falta de água que aflige a população. Esta terra é abastecida por Portimão, cuja Câmara prometeu fornecer água durante duas horas na parte da manhã, mas este período, que já é pequeno, está reduzido a hora e meia, juntando-se muita gente em bicha nos marcos fontanários para obter o precioso líquido, com prejuízo da sua vida, pois algumas pessoas têm que abandonar o trabalho para conseguir um cântaro de água. Há um fontanário junto da igreja onde a água não chega.

Não está certo o que se passa e impõe-se que a Câmara de Portimão nos forneça água pelo menos em dois períodos de três horas, de manhã e de tarde.

Como consequência da falta de água, as pessoas correm para um poço junto à praia da Agorinha, acabando por o esgotar.

Também e ainda como consequência da escassez de água, espelha-se aqui com o precioso líquido, vendendo-se cada cântaro a \$100 e \$120. Outras pessoas que têm água encubada em suas casas vendem cada cântaro a \$20, prejudicando assim os arrendatários dos marcos fontanários. Enfim, aproveita-se a falta do precioso líquido para se especular com a população.

Não poderiam as autoridades pôr termo a tal abuso?

Abundância de peixe — Devido à abundância de peixe, a classe operária está mais animada porque trabalha as semanas completas, o que se reflecte na economia local.

Época balnear — Encontram-se aqui muitos veraneantes que estão encantados com as belezas naturais da região, todos lamentando, no entanto, a falta de água e asseio nas ruas. Entre os veraneantes contam-se o sr. dr. Vieira Machado e sua família, que estão no castelo do Arade; o rev. dr. Henrique Ferreira da Silva, vice-reitor do seminário de Faro, acompanhado de alguns seminaristas que vêm passar o Verão no seminário de férias, onde acaba de chegar o prelado da diocese.

Também aqui estão o pai do sr. presidente da Câmara Municipal de Lagoa e as sr.ªs D. Sebastiana, D. Flávia e D. Julieta Vieira. — C.

e do Conselho Técnico, levando-os a aprovar os «finns» e mover montanhas para a Fundação Gulbenkian conceder um subsídio de *trezentos mil escudos* para se aumentar a frota de 9 barcos com mais 15?

Porque será que, depois das provas de Setembro, os «finns» vão ser entregues à O. N. M. P. que não tem sequer armazém para guardar mais 15 unidades, quanto mais rapazes com as características físicas para brilharem em tal barco?

Qual o sentido de tanta «teimosia» e que poder de convencimento teve a Associação da Classe Finn para levar a água ao seu moinho, contra todo o bom senso desportivo que nos compete manter, mesmo contra os nossos imediatos interesses de classe?

E como não ficaremos por aqui, deixamos os responsáveis irem fazendo o seu acto de contrição até Setembro, que é quando completamente esta série negra de péssimas decisões, em que os generosos subsídios, ou do Estado ou das instituições particulares, são gastos em «fumarada» que a ninguém aproveitava e que só nos desprestigia, colectivamente falando, como Nação de bons desportistas de vela.

NECROLOGIA

Menina Rosa Maria P. da Conceição

No sábado passado, faleceu repentinamente, em Vila Real de Santo António, a menina Rosa Maria Patrocínio da Conceição, filha da sr.ª D. Maria do Carmo Almeida Gaspar Patrocínio da Conceição e do sr. Manuel Francisco da Conceição, redactor do *Jornal do Algarve*. O falecimento da infeliz criança, que contava apenas 18 meses, foi bastante sentido e impressionou vivamente toda a população da Vila Pombalina, tendo-se incorporado no funeral numerosas pessoas. Filha única, a sua morte constituiu um doloroso transe para os extremos pais, a quem apresentamos a expressão do nosso profundo pesar, abraçando comovidamente o nosso querido companheiro de redacção, cuja dor acompanhamos.

Menina Maria Luísa Figueira

Vítima de um acidente ocorrido na praia de Armação de Pera, onde, com seus pais, se encontrava passando o Verão, faleceu no hospital de Faro, para onde havia sido conduzida em estado grave, a menina Maria Luísa Figueira, de 9 anos, filha da sr.ª D. Maria Helena de Oliveira Prazeres Figueira e do sr. dr. João Henrique de Matos Figueira, médico em Lisboa. A indolente criança era neta da sr.ª D. Maria Vitória Figueira e do médico sr. prof. dr. Luís Figueira, chefe de serviços do Instituto Câmara Pestana, e a sua morte causou profunda consternação entre toda a população daquela praia.

Cónego dr. José dos Ramos Bentes

Com 75 anos, faleceu na quinta-feira em Armação de Pera, onde estava passando a época calmosa, o rev. cónego dr. José dos Ramos Bentes, prior da Sé de Faro. O extinto, que era muito estimado e conhecido em todo o Algarve, era irmão das sr.ªs D. Maria e D. Lucília dos Ramos Bentes, e foi, durante muitos anos, professor do Seminário e do Liceu de Faro. O funeral, que foi largamente concorrido, realizou-se para o cemitério de Lagoa, localidade de onde era natural.

As famílias enlutadas apresentam *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

CAMPISMO

TENDAS em tela SUPER-TROPICAL
CAMAS em DURAL
SACOS DE DORMIR em tela SONECA
COLCHÕES em espuma de borracha
SACOS e BALDE de água, em lona imputrescível
SACO DE DORSO tipo BERGAN
HAMAQUES em lona de 1.ª
CHUVEIROS de lona.

TUDO AOS MELHORES PREÇOS
TECNICAMPO, LDA.

A FABRICAÇÃO NACIONAL QUE NÃO RECEIA
CONFRONTO COM A MELHOR ESTRANGEIRA
Rua da Conceição, 13, 1.º — Telef. 21917
(Antiga Rua dos Retrosolros)

LISBOA

A sonda SIMRAD-Mestre
de visão panorâmica
A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA
COMPLETAMENTE ESTANQUE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA
SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.
— AGENTES EM TODO O ALGARVE —

LLOYD
600
37.500\$00 sem taxa

- 4 Tempos-24 H P
- 4 Lugares
- 5 litros aos 100 km.

Facilidades de Troca e Pagamento

MICROMOTOR, L.ª - Largo do Mercado, 68 FA RO — Telef. 733

O Chegadinho

Conclusão da 1.ª página

imaginava, via a tua casita arrumada, caiadinha, a chaminé a um lado cheia de molhos de mato seco e alecrim que tu levavas, pois bastava um cantinho para a pequena panela de milho ou de sopas de pão duro que te davam pelas portas. E quantas vezes, Chegadinho, quando comias a tua parca ceia, cansado de andar e de estremecer um dia inteiro, partias o prato ou a tigela? Que martirio levavas sem o merecer!

E havia pessoas que te julgavam muito bem viver a vida normalmente, se não fora o teu aborrecido mal! Ai está o teu retrato, num momento de tranquilidade muscular. Que te mirem bem, que apreciem o teu sorriso bondoso, nada alvar! Nunca cometestes uma má acção. Possuías uma tranquilidade de consciência de que não podiam orgulhar-se tantos senhores ricos a quem tu tanto respeitavas. Quanto eu tinha que pedir-te para te associares a uma partidinha ao meu vizinho Manulito Pio! «Vai lá, Zé, não faz mal; toma mais cinco réis!» E tu láias, pé ante pé, punhas as mãos na boca a formar campânula, enchias bem os teus valentes pulmões, e, fogo à pega: Pum!... Que formidável tiro! Fugias a correr. Mestre Manulito Pio quase caía da cadeira alta; os óculos a saltar-lhe do nariz, a pera a tremmer, vinha à porta furioso! Então eu (malandrete) informava: «Foi o patife (desculpa Zé) do Chegadinho. Ai! Se o apanho!...» Boa idade, meu saudoso colaborador destas partidas inocentes! Agora, sempre te quero dizer: espero daqui a uns tempos (eu para certas coisas não tenho pressa) espero, dizia, ir para lá, onde tu estás. Conto encontrar-te sem ter que pesquisar muito, porque sei que me levaste no coração, como no meu, cá em baixo, mantenho sempre a tua lembrança! Entretanto, declaro-te que não devo estranhar essa outra vida que «vives». Neste momento de tanto progresso, com tantas e tão grandes «forças vivas», eu, como no teu tempo, continuo à porta da farmácia, à mesma porta em que falávamos, sem poder propor-me membro de tais forças. Continuo sócio contribuinte das «forças mortas».

Vou terminar, mas depois de pedir-te este favorzinho: não promovas a minha chamada, por enquanto, porque tenho ainda que fazer umas coizitas cá em baixo. Adeus Zé Chegadinho! Até lá!

Álvaro Guerreiro

Desvendou-se o segredo dos pastores Búlgaros!

IOGURTE

é um produto natural, fabricado com leite puro e fresco, hoje mundialmente empregado por adultos e crianças, como ALIMENTO e como REGULADOR das funções digestivas.

Vende-se, este produto, sempre fresco, na PASTELARIA CONFIANÇA, em Vila Real de Santo António e na PASTELARIA IMPÉRIO, em Monte Gordo.

O AMIGO DE PENICHE

Conclusão da 1.ª página

impotentes em terra, sem possibilidades de despacharmos dignamente o nosso encargo. A situação era, sem exorbitância, de autêntico desespero. Não encontrávamos quem quisesse, a troco de qualquer valor, levar-nos até ao local do naufrágio. E entretanto corria de automóvel para o seu jornal o outro camarada a cujos olhos esquivámos a nossa insignificante pessoa.

Apossara-se de nós o desalento, a «falha» estava perfeitamente desenhada, os créditos abalados, o brio vencido, o primeiro e grave desaire a subalternizar o «repórter» moço e atrevido. Nas tabernas do Portinho de Revés, que já não existe, não nos deram avio. — Com uma noite destas?! Não pense nisso! — O rosto do velho Bolas devia ser o nosso espelho — tristeza e desalento.

As vagas despedaçavam-se nos fraguados do Portinho e salpicavam-nos a cara. E foi, parece-nos, ao contacto de uma rajada de espuma, que nos lembrámos do nosso país algarvio. — Há em Peniche algum dono ou mestre de traineira algarvio? — Há muitos! — Escolha o melhor e vamos procurá-lo. O saudoso Bolas disse um nome. Batemos a uma porta. Apareceu-nos um homem que nos disse estar a jantar, um homem que pela pronúncia era algarvio, cremos que barlaventino e também o era pela fidalguia do acolhimento — fora da sua terra. Demos-lhe conta da nossa

missão e do embaraço para a cumprir, antecedendo o esclarecimento do por menor fundamental — um algarvio batia à porta de outro algarvio em transe aflitivo. E tudo ficou ali resolvido. A traineira do algarvio — uma pequena embarcação como depois vimos — estava à ordem do algarvio. — Vá procurar o mestre, o motorista e dois companheiros. Devem andar aí pelas tabernas. — E lá fomos, nós e o Bolas. Numa baiuca encontrámos o mestre e o motorista; não nos lembra se algum deles era da nossa nação; destemidos provaram-no ser. — Estamos prontos. — Logo foi a pesquisa dos dois companheiros e pouco depois a largada. Lembra-nos que o motorista do automóvel quis ir conosco; levava uma «bucha» embrulhada num papel para comer a bordo; mas mal a traineira saiu do Portinho e uma vaga a empinou como cavalo espantado, o homem derruiu e nunca mais deu sinal de si — uma preocupação a menos.

Já no local — um local pouco cómodo, com água, vento e solavancos — impossibilitados de enxergar em por menor a massa negra do paquete deserto, soldado pela proa ao fraguado apavorante que se erguia a meio cento de metros, resolvemos recorrer ao único ponto de informação, o «Patrão Lopes», naufragado há anos na barra de Lisboa. Não era possível a abordagem. Com um mar daqueles! Mas havia um pau de carga. Amarrada a língua à

DO ALGARVE AO MINHO

Conclusão da 1.ª página

descobrimo do nosso cantinho pacatissimamente florido.

No Ribatejo, tão heróico como folclórico, choca-me a primeira imagem: numa vila qualquer, um campo vestido a rigor, num belo alazão e empunhando a indispensável vara, passeando, por uma cordilheira dourada, um cãozinho de palmo e meio. Mas nas terras próximas os touros arranham a paisagem, saudam os turistas com a sua impassibilidade de monumentos regionais.

Aproxima-se a Estremadura e a beleza «para inglês ver». Aqui o turismo prospera e ainda bem. Não é que os motivos sejam fortes, mas os homens são-no. E são os homens que têm o dinheiro e as ideias...

Não houve tempo para assediar Lisboa. E' uma mulher e merece mais atenção do que a passageira. De modo que o rumo foi Leiria, a Leiria sossegada e virtuosa de todos os tempos, a princesa beiroa que nos sauda com suas louças artísticas e suas aias de olhos no chão. Essas as características fundamentais das Beiras: a louça e as mulheres. A louça olhando para todos os lados, despertando-nos a atenção, chamando, gritando pelos nossos cuidados e interesses. As mulheres, vestidas de roupas escuras, passando como sombras, simples, tão belas, nos seus tamanquitos baratos. Aqui o que é natural é simples (o povo, a terra, a vegetação) enquanto o que é artificial é portentoso (as louças, a Batalha, o traçado das habitações). A Beira é uma terra de gente boa, depreen-

de-se imediatamente, não pensei ainda porquê.

E Coimbra, a Coimbra dos doutores mas não das tricanas. Aqueles marcam presença, são eles; as pobres tricanas, não: gesticulam, mexem-se à algarvia, mas não passam de sombras, movimentadas embora. Em Coimbra é onde a densidade de turistas é mais notável. E' que a cidade convida, sem excessos, inteligentemente. Por isso a tentação de aqui passar um dia inteiro, sonhando, ouvindo o fado coimbrão, numa modorra natural que o Parque aumenta e comanda.

Para o Porto a travessia é levada dos diabos. O calor aninhou-se por estas bandas e os combóios não são mesmo nada confortáveis. Quando a cidade Invicta surge, recortada pela magia do Douro, ostentando a beleza típica da zona ribeirinha (beleza longínqua, note-se bem), o ânimo é outro. Aproxima-se uma grande cidade, um pântano imenso onde cresce o oiro e os seus reflexos inacessíveis.

No Porto fiquei dias e dias. Desvendei a cidade, gastei meias-solas palmilhando-a, das «ilhas» às Antas, de Leixões a São Bento... Nas suas praias, castradas de sol lavado como o nosso, matei saudades do Algarvio reino; nas faces pálidas da sua gente li páginas de romances quotidianos; nos seus carros eléctricos e táxis depositei a minha ausência de olhos porque estes não davam para descobrir tudo. Fiquei dias e dias no Porto, estou no Porto ainda, e longe de me cansar. Se o «Pont Aven» me não arrancasse daqui, dentro de três horas!

E rumei ao Minho, essa vegetal bandeira nacional onde impera o verde, salpicado, a conta-gotas, por uns pedacitos de vermelhas tonalidades. Tudo é verde nesta terra. Trepadeiras ramificam-se pela barreira das paredes; o verde fúnebre dos pinheirais prolonga-se por todos os lados; os milharais, ligeiramente amarelados, parecem um exército em sentido; couves de perna alta, erectas, abrem os braços e saudam-nos; as parreiras emaranham-se por toda a parte; entre todo este estandarte utilitário, os verdes bravios das giestas e de outras plantas rebeldes. No Minho pensa-se verde, navega-se em verde — o combóio corta rochedos e parece uma toupeira esfaimada de cor. E o contraste persegue-nos, o vermelho, nos telhados das casas, na pintura das portas, nos trapos das mulheres. No Minho uma pessoa cansa-se, mas cansa-se de beleza.

Em Braga, cidade moderna, o milagre continua. E por aí fora, no Bom Jesus, no Sameiro, nas tantas vilas nórdicas, castiças, bem portuguesas.

Nota final: Sempre que pude, empurrei para baixo alguns turistas estrangeiros.

Tenho a certeza de que se lembrarão de mim. E a certíssima de que jamais esquecerão o nosso Algarve.

E, já agora, porque não há tempo para correio nem tostões para selos, o meu abraço em letra redonda para todos os amigos que aí deixei...

Se levo comigo um pedaço do Algarve, também um pedaço de mim lá ficou, sem dúvida...

Casimiro de Brito

EMPREGADO

Precisa-se com muita prática de mercearias. Prefere-se habilitado com carta de condução (ligeiros).

Tratar com António da Costa Esteves — Castro Marim.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Muito vence quem se vence;
Muito diz quem não diz tudo.
E' ao sábio que pertence
A tempo tornar-se mudo.

D. PEDRO II

Gambém na cozinha se

pode ser artista

Escalopes à moda da casa — Para quatro pessoas, compre meio quilo de escalopes de vitela, de espessura média. Passe-os na frigideira com azeite e tempero com sal.

Quando as fatias de vitela estiverem bem douradas de ambos os lados, acrescente-lhes duas colheres de água, cubra a frigideira e deixe cozinhar por uma hora.

Prepare um molho de maionese leve, espalhe-o no prato que irá à mesa. No momento de servir, experimente o molho dos escalopes; se estiver muito grosso e reduzido, acrescente-lhe um pouco de água. Disponha os escalopes sobre a maionese e, por cima da carne, deite o seu molho, fervendo. Sirva logo.

Grafe da sua pele

Para a limpeza vulgar da sua pele evite a água e o sabonete ordinário, empregando de preferência um óleo vegetal, como óleo de amêndoas doces, por exemplo. Tire o excesso com um papel absorvente.

Quando sentir absoluta necessidade de aplicar água, faça-o com água fervida morna onde deitará uma pitada de bicarbonato de sódio, e um sabonete medicinal.

Lembre-se que o maior inimigo destes tratamentos é a falta de persistência.

O doce nunca amargou

Doce de amoras — Escolham-se e limpem-se aproximadamente dois quilos de amoras, e deitem-se num recipiente com cerca de meio litro de água. Ponham-se ao lume a ferver e quando estiverem em marmelada, juntem-se-lhes três quilos de açúcar cris-

talizado. Deixem-se ferver em lume brando, mexendo sempre, até que o doce tenha uma camada brilhante de espuma, o que leva perto de três quartos de hora. Escuma-se então e passa-se para os boiões, que se tapam imediatamente com papel translúcido.

Os malefícios do álcool

O alcoolismo é uma das piores doenças sociais e tem levado à ruína gerações inteiras.

O álcool, ingerido em excesso, e habitualmente, vai aos poucos intoxicando o organismo, prejudicando o fígado e a mucosa gástrica, corrompendo a vontade, roubando a energia do carácter, ocasionando proles enfraquecidas, quando não epilépticas e débeis mentais.

O álcool produz no organismo sete calorias por grama. Como na produção orgânica de calorias é consumida certa quota de vitamina B1, a ingestão exagerada de álcool provoca uma grande despesa de tiamina, dando lugar a distúrbios do sistema nervoso e outros, que a carência de B1 acarreta.

Combater o uso imoderado das bebidas alcoólicas é um dever.

Conselhos higiênicos

Certas pessoas precisam limpar os ouvidos, de tempos a tempos, para evitar o acumulo de cera. Mas tal limpeza não deve ser feita com estiletes, grampos ou palitos, os quais além do perigo de ferir o tímpano, dão ensejo a sérias infecções. Quando tiver que limpar os ouvidos recorra a um médico especializado em doenças desses órgãos.

Quem lê à noite deve colocar a luz por trás de si, de maneira a que o livro fique iluminado por cima do seu ombro. E' a melhor maneira de não fatigar a vista.

É agora não ria!

— Eu cá, por princípio, só bebo em duas ocasiões do ano...

— Ah sim?! E quando é?
— Quando chove... e quando não chove...

xou o seu jantar para servir um comproviciano aflito. Por força que se ele for vivo, depois desta notícia, dará sinal de si. Os nossos leitores de Peniche que nos ajudem para termos ainda o prazer de abra-

çar um amigo de Peniche num algarvio que aí vive ou viveu e que conta sempre, na terra, no céu ou no inferno, com a gratidão de outro algarvio que nele apreciou uma raridade — um fidalgo.

INFORMAÇÕES COMERCIAIS

Serviço de intercâmbio comercial PARA TODO O MUNDO, exclusivamente para os seus clientes

CONSULTE O

DEPARTAMENTO PORTUGUÊS DE INFORMAÇÕES

Rua dos Fanqueiros, 114, 3.º — Telef. 22781 — LISBOA



Cum esta tinta até um bebé pinta!

FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR" J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

18AV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA